

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**O processo de formação, especialização e profissionalização (1783-1800) do ilustrado
manuel ferreira da câmara**

Alex Gonçalves Varela*

Resumo: O personagem Manuel Ferreira da Câmara ficou conhecido na historiografia pelo seu perfil político de estadista e parlamentar, sobretudo por sua atuação no período da Independência. Sua trajetória histórica, contudo, caracteriza-se pela associação entre os interesses políticos e a face de estudioso das ciências naturais. O objetivo deste trabalho consiste em analisar o processo de formação, especialização e profissionalização do personagem no âmbito da política estatal de renovação cultural-científica do governo de Dona Maria I. Essa política buscava criar um novo corpo de funcionários Ilustrados para fornecer pessoal à burocracia e formar uma “elite do conhecimento” interessada na exploração do mundo natural do Reino e das colônias.

Palavras-chave: História das Geociências; Manuel Ferreira da Câmara; Ilustração Luso-Americana.

Abstract: Manuel Ferreira da Câmara is known for historiography to his profile of Statesman and Parliamentary, above all his political performance in the Independence period. His historical trajectory, however, characterize by the association between the political interests and the natural sciences studios profile. The objective of this paper is to analyze the process of formation and professionalization of the Enlightened, in the ambit of the estate policy cultural-scientific renovation from the D. Maria I government to create a new body of enlightened servants to provide people for the estate bureaucracy and to form a “elite of the knowledge” interested in the exploration of the natural world of the Kingdom and the colonies.

Key-words: History of Geosciences; Manuel Ferreira da Câmara; Luso-American Enlightenment.

A presença do ilustrado Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá na bibliografia especializada se dá em função do seu perfil de político, evidenciando a sua atuação enquanto estadista e parlamentar. Tais análises dão relevância à atuação do personagem no período da Independência, quando atuou como deputado na Assembléia Nacional Constituinte de 1823, e como senador por Minas Gerais no período de 1827 a 1835. São estudos, portanto, que enfatizam exclusivamente o viés político de sua trajetória histórica. (SIGAUD, 1842: 515-518)

No entanto, Manuel Ferreira da Câmara notabilizou-se não apenas como homem público mas também como um estudioso e pesquisador do mundo natural. Em sua trajetória histórica, a face de naturalista e os interesses políticos são indissociáveis, fato que caracteriza

* Historiador, Doutor em Ciências da Terra/IG/Unicamp, Bolsista PCI de Pós-Doutorado do MAST-MCT-RJ. Esse artigo foi elaborado no âmbito do projeto de pesquisa intitulado *A Constituição de Redes de Informação no Império Português (1800-1822)*, desenvolvido na Coordenação de História da Ciência do Museu de Astronomia, sob a supervisão da Doutora Heloísa Meireles Gesteira.

o homem ilustrado do século XVIII. (BENSAUDE-VINCENT, 1996) Não são duas carreiras diferentes ou sucessivas, mas dois perfis de uma mesma trajetória de vida que não podem ser de forma alguma cindidos: o de estudioso das ciências naturais e o de homem público. Portanto, há lacunas que estimulam a reflexão sobre o personagem em novas direções.

O que também se pode observar, após um levantamento preliminar, é a existência de pouca bibliografia sobre a trajetória de vida desse personagem, em que ganham destaque a biografia de Marcos Carneiro de Mendonça (MENDONÇA, 1958) e alguns artigos curtos, como os de O. H. Leonardos (LEONARDOS, 1962:226-228) e V. Leinz (LEINZ, 1963:213-215). Somente nos últimos anos, em razão do resgate da história das ciências na América Latina sob novo arcabouço historiográfico, é que Câmara voltou a ser objeto de estudo, destacando-se os trabalhos de Manuel Serrano Pinto (PINTO,1994:245-264) e Silvia Figueirôa (FIGUEIROA, 1999).

Contudo, falta ainda um estudo contextualizado da vida e obra do naturalista inserido no debate mais amplo sobre a história e a historiografia das ciências no Império Português, reconhecendo-se o peso do reformismo Ilustrado e os variados papéis profissionais que desempenhou. Como argumentou Figueirôa (Ibidem, 214), a supremacia da história política e administrativa, aliada às concepções historiográficas sobre a carência de atividades científicas locais levou, de forma conjunta, à falta de um lugar na história e ao tratamento de exceção para o que foi efetivamente realizado no campo científico, alimentando um círculo gerador de homens excepcionais e de seus contemporâneos pouco lembrados.

Neste trabalho, temos como objetivo analisar o processo de formação, especialização e profissionalização do ilustrado, dentro da política estatal de renovação cultural-científica do governo mariano, com o intuito de criar um novo corpo de funcionários ilustrados para fornecer pessoal à burocracia estatal e formar uma “elite do conhecimento” interessada na exploração do mundo natural do Reino e das colônias. Quatro momentos desse processo serão destacados: os estudos na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra; a entrada para a Academia Real das Ciências de Lisboa; a viagem científica pelos principais centros de mineração da Europa Central e Setentrional; e, a indicação para cargo de Consultor do Governo em Assuntos de Minas.

I – A Formação em Leis e Filosofia Natural na Universidade de Coimbra

Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt Aguiar e Sá, filho de Francisca Antônia Xavier de Bethencourt e Sá e do tenente Bernardino Rodrigues Cardoso, nasceu em Minas Gerais, muito provavelmente em Santo Antônio de Itacambira, em territórios da Demarcação Diamantina, por volta de 1764.

Como todos os membros da elite colonial que desejavam realizar um curso superior, uma vez que na América Portuguesa não havia instituições universitárias, Câmara viajou para a metrópole com o intuito de se matricular na Universidade de Coimbra. A sua chegada a Portugal coincidiu com o período de “abertura” às novas idéias em razão das iniciativas do Marquês de Pombal.

Câmara matriculou-se em Coimbra no ano de 1783 nos curso de Leis. No ano seguinte, passou a cursar também o de Filosofia Natural. Tornou-se bacharel em Leis e Filosofia no ano de 1787 e obteve o diploma em junho de 1788. Nesse período, juntou-se às elites cultas da metrópole que também ali estudavam; todos leram as mesmas obras e receberam a mesma formação. (Silva, 1999)

II- A Atuação na Academia Real das Ciências de Lisboa

Após a conclusão do curso superior em Coimbra, Câmara permaneceu em Portugal, sendo eleito membro da Academia Real das Ciências de Lisboa no ano de 1789. A Academia foi um centro aglutinador do ideário reformista do governo de D. Maria I e um *locus* de debate científico e da gestão da política colonial voltada para a exploração do mundo natural. (MUNTEAL FILHO, 1998) Neste espaço, Câmara integrou-se ao sub-grupo de naturalistas, que tinha como personagem principal o italiano Domenico Vandelli. (MUNTEAL FILHO, 1993; 1998)

Na Academia, Câmara publicou diversas memórias científicas. Nesses textos observa-se que o pragmatismo e o utilitarismo são duas características presentes na prática científica do naturalista Manuel Ferreira da Câmara, como de outros estudiosos luso-americanos. Contudo, tais atributos não foram exclusivos da Ilustração luso-americana. As ciências naturais modernas de perfil baconiano, em sua essência, pressupunham a utilidade e o bem-estar dos homens. Para Bacon, a história natural era uma forma de investigação destinada a registrar o conhecimento do mundo para o uso e o aperfeiçoamento da humanidade. E será na direção da procura da utilidade que o estudo da natureza convergirá no século XVIII, firmando-se assim como a crítica do conhecimento diletante. Novos museus, jardins

botânicos, academias científicas e coleções tomaram o lugar dos gabinetes de curiosidades e dos jardins consagrados exclusivamente ao deleite aristocrático. A História Natural que se estabeleceu nas instituições européias, por exemplo, nas francesas da última década do século XVIII, era marcada por forte utilitarismo. (KURY, 2001:142-143)

Seguindo as considerações da historiadora das ciências Maria Margaret Lopes (2003:50), vários trabalhos sobre o tema da Ilustração luso-americana do Setecentos têm sido produzidos sob um enfoque que prioriza as conotações político-econômicas do processo, deixando de lado a produção cultural-científica do período, não incorporando os entendimentos de ciências efetivamente veiculados e postos em prática para alicerçar os processos modernizadores de Portugal e do Ultramar. Na maioria dos casos, seguindo as considerações da mencionada historiadora das ciências, reduz-se todo o movimento do Império português de adesão às ciências modernas a apenas “utilitarismos”, “pragmatismos”, “imediatismos”, de conotações pejorativas. Ademais, reforçam-se visões que partilham as noções de “atraso” científico português, e conseqüentemente brasileiro, e sua inviabilidade de participação nas ciências européias do período.

A importância que conferia à mineração, em especial à exploração do ouro, foi um tema que se fez presente nos estudos de Câmara. No âmbito do debate dos que se colocavam a favor ou contra a mineração, os textos de Câmara se destacam por se alinhar aos defensores da recuperação da mineração para o desenvolvimento econômico da nação portuguesa, como D. Rodrigo, José Bonifácio e José Vieira Couto.

Na Memória *Acerca da Extração do Ouro do Brasil*, Câmara preocupou-se em descrever os locais da ocorrência do metal, assim como a sua matriz, prática que estava de acordo com as modificações pelas quais passava a Mineralogia no final do século XVIII, quando já não importava somente coletar e identificar os materiais minerais, mas verificar como se dava sua distribuição espacial. (RUDWICK, 1997) A Mineralogia ia deixando de ser uma ciência essencialmente de laboratório que objetivava tão-somente registrar e sistematizar objetos minerais, e passava a ter uma dimensão geográfica. Em decorrência disso, tornou-se consenso a idéia de que rochas e minerais colecionados em gabinetes podiam dar muito prazer, mas não trariam nenhuma luz à razão se não fossem observados no local de sua ocorrência. (HAMM, 1997) Portanto, Câmara seguia os caminhos próprios de sua ciência, no estágio em que se encontrava naquele período. Estava atento ao que ocorria em relação à ciência que praticava, como bem mostram os seus textos.

III- A Viagem Científica Pela Europa Central e Setentrional

No espaço da Academia Real das Ciências de Lisboa, Câmara e José Bonifácio despertaram as atenções de alguns membros, entre os quais o duque de Lafões. Como resultado da admiração deste último, ganharam uma bolsa de estudos do governo português para fazer uma viagem científica pela Europa, juntamente com Joaquim Pedro Fragoso. Para a realização desse empreendimento, o ministro Luiz Pinto de Souza baixou uma minuciosa *Instrução para a realização da viagem de aperfeiçoamento técnico através da Europa* (31.5.1790). Nela determinou-se que Manuel Ferreira da Câmara seria o “chefe de Brigada”, sendo responsável pela “decisão do tempo dos estudos e das viagens, do destino de cada um dos sócios, e dos sítios onde deviam empregar-se”. (FALCÃO, 1963:169)

A viagem de formação teórica e prática no campo da metalurgia e da mineração por diversos países da Europa Central e Setentrional fazia parte da política portuguesa que visava arregimentar os estudiosos portugueses, nascidos ou não na metrópole, com o intuito de ajudar a promover a regeneração do Império. (ARAÚJO, 2005; LYRA, 1994; DIAS, 1972; 1968) Não foi por acaso que a maioria desses ilustrados coloniais, entre os quais os dois mencionados naturalistas, pertenciam ao grupo de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro de D. Maria I desde 1796, que defendia a fundação de um Império luso-americano, com sede na sua porção mais rica, o Brasil, como solução à crise que se abatia sobre o Reino.

A dimensão política vinha acoplada à dimensão científica. A viagem fazia parte do processo de modernização do Estado português no período do governo de D. Maria I. O Estado português buscou, na época, incentivar a formação de funcionários especializados com o intuito de ocupar cargos públicos estratégicos, sobretudo no campo da administração das minas. Após a realização dessa viagem, José Bonifácio e Manuel Ferreira da Câmara viriam a ocupar importantes funções no campo da mineração em Portugal e na colônia, destacando-se ambos na administração conjunta das minas, matas e bosques. Os dois naturalistas aplicaram o seu saber científico a serviço da nação portuguesa, com o intuito de contribuir para as reformas que visavam regenerar o Império lusitano. Acima de tudo, eles eram portugueses, fiéis vassalos da Monarquia dos Braganças, comungando uma “identidade política coletiva” que remetia ao Estado português. (JANCSÓ & PIMENTA, 2000:140)

Para Câmara e José Bonifácio, a viagem foi imprescindível para a especialização de suas respectivas trajetórias como naturalistas. Os dois tornaram-se, como eles próprios afirmavam, “metalurgistas de profissão”.

IV- O Cargo de Consultor do Governo em Assuntos de Minas e Metalurgia

Ao retornar a Portugal, em 1798, Câmara foi contratado pelo Estado português para ser o consultor do governo em assuntos de minas e metalurgia. O naturalista foi arregimentado pelo governo para dar diversos pareceres, dentre os quais podemos destacar: o parecer sobre a *Memória Sobre o Melhoramento dos Domínios de Sua Majestade na América*, de D. Rodrigo de Sousa Coutinho; e o estudo sobre as montanhas da região do Centro de Portugal; parecer sobre o chamado *Pinhal de Leiria*, entre outros.

V - Considerações Finais:

A análise da trajetória do processo de formação e profissionalização do naturalista Manuel Ferreira da Câmara revela a riqueza do pensamento ilustrado Luso-americano. Formado em Filosofia, com ênfase nas ciências naturais, e especialização nas “artes mineiras e metalúrgicas”, foi membro ativo do centro de irradiação das “luzes” em Portugal, a Academia Real das Ciências de Lisboa. Nesse espaço, apresentou diversas memórias científicas que revelam a atualização do seu pensamento científico. As características da História Natural moderna, como o pragmatismo, o utilitarismo, o ecletismo, entre outras, estavam presentes nas suas dissertações. Além disso, observa-se a sua inserção no conjunto das práticas científicas mineralógicas no período entre o final do século XVIII e o início do XIX. Portanto, o estudioso seguia os caminhos próprios de sua ciência, no estágio em que se encontrava naquele período.

Naturalista ligado aos interesses do Estado português, teve uma participação ativa no projeto reformista político-científico do governo mariano, sobretudo no que diz respeito aos assuntos de minas e metalurgia. Durante a sua trajetória de vida em Portugal, os estudos científicos e os interesses políticos caminharam lado a lado, numa íntima e inseparável associação. Ele colocou os conhecimentos científicos adquiridos no campo da História Natural, sobretudo os relacionados à mineralogia, em prol da regeneração da nação portuguesa. Membro de uma elite esclarecida e atualizada com o que de mais moderno se passava no restante da Europa além-Pirineus, acreditava que a ciência teria um papel fundamental para a realização concreta e efetiva do programa de reformas que visava conservar a integridade do Império Português.

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, Ana Cristina. Um Império, um Reino e uma Monarquia na América: As Vésperas da Independência do Brasil. In: Jancsó, István (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: FAPESP; Editora HUCITEC, 2005.
- BENSAUDE-VINCENT, Bernardette. Lavoisier: uma Revolução Científica. In: SERRES, Michel (Dir.). *Elementos Para uma História das Ciências*. Lisboa: Terramar, 1996.
- DIAS, Maria Odila da Silva. A Interiorização da metrópole. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *1822 – Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol.278, janeiro-março de 1968, pp.105-170.
- FALCAO, Edgard de Cerqueira (Org.). *Obras científicas, políticas e sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva*. vol. III. Santos: Revista dos Tribunais, 1963.
- FERLINI, Vera Lúcia Amaral. A Questão Agrária no Pensamento Reformista Luso-Brasileiro do Século XVIII: Estrutura Fundiária, Legislação Territorial e Proposta de Mudanças. In: BICALHO, Maria Fernanda et al. (org.) *Modos de Governar. Idéias e Práticas Políticas no Império Português*. Séculos XVI a XIX. São Paulo: Alameda, 2005.
- FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Um ‘Pensionário Fiel de Sua Majestade’: Manuel Ferreira da Câmara, 1764-1835. In: ARANGO, Diana Soto et al. (Orgs.). *Científicos Criollos e Ilustración*. Madrid: Ediciones Doce Calles; Colcinecias; Rudecolombia, 1999.
- HAMM, E. P. Knowledge From Underground: Leibniz Mines the Enlightenment. *Earth Sciences History*. New York, v.16, n.2, 1997.
- JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo Garrido. Peças de um Mosaico (apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem Incompleta 1500-2000 – A Experiência Brasileira*. São Paulo: SENAC São Paulo Editora, 2000.
- KURY, Lorelai Brilhante. Entre Utopia e Pragmatismo: a História Natural no Iluminismo Tardio. In: SOARES, Luiz Carlos. (Org.) *Da Revolução Científica à Big (Business) Science*. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: EDUFF, 2001.
- LEINZ, V. Manoel Ferreira da Câmara e José Bonifácio de Andrada e Silva Ingressando na escola de Minas de Freiberg. *Engenharia, Mineração e Metalurgia*. Rio de Janeiro, v.38, n.227, 1963, p. 213-215.
- LEONARDOS, O. H. O Intendente Câmara. *Engenharia, Mineração e Metalurgia*. Rio de Janeiro, v.36, n.215, 1962, p. 226-228.
- LOPES, Maria Margaret; FIGUEIRÔA, Silvia F. de Mendonça. *Relatório científico final do projeto emergência e consolidação das ciências naturais no Brasil (1770-1870)*. Campinas: DGAE/IGE/Unicamp, 2003, mimeogr..
- LYRA, Maria de Lourdes Viana. *A Utopia do Poderoso Império: Portugal e Brasil: Bastidores da Política, 1798-1822*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro. *O Intendente Câmara*. Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt e Sá, Intendente Geral das Minas e dos Diamantes, 1764-1835. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- MUNTEAL FILHO, Oswaldo. *Domenico Vandelli no anfiteatro da natureza: a cultura científica do reformismo ilustrado português na crise do antigo sistema colonial (1779-1808)*. Dissertação de mestrado. Departamento de História, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1993.
- MUNTEAL FILHO, Oswaldo. *Uma sinfonia para o novo mundo: a Academia Real das Ciências de Lisboa e os caminhos da Ilustração luso-brasileira na crise do antigo sistema colonial*. Tese de doutorado. Departamento de História, UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- PINTO, Manuel Serrano. A experiência europeia de Manoel Ferreira da Câmara e seus reflexos no Brasil - algumas notas. In: FIGUEIRÔA, S. F. de M. & LOPES, M. M. (orgs.).

Geological Sciences in Latin America. Scientific relations and exchanges. Campinas, SP: UNICAMP/IG, 1994, pp. 245-264.

RUDWICK, Martin. Minerals, strata and fossils. In: JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E. C. (org.). *Cultures of natural history.* Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SIGAUD, J. F. Dr. Manoel Ferreira da Câmara de Bittancourt e Sá. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro, tomo IV, p.515-8, 1842.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A cultura luso-brasileira: da reforma da universidade à Independência do Brasil.* Lisboa: Editorial Estampa, 1999.